

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS DOM PEDRITO
CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – LICENCIATURA**

PROJETO INTERDISCIPLINAR I

Identidade, Memória e Educação

**Dom Pedrito
Julho de 2017**

PROJETO INTERDISCIPLINAR I

Identidade, Memória e Educação

Projeto Interdisciplinar I apresentado ao Curso de Educação do Campo – Licenciatura, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial e final para a avaliação das componentes curriculares do primeiro semestre da LECampo

Dom Pedrito
Julho de 2017

Sumário

Introdução e justificativa	1
Objetivos	3
Objetivo geral	3
Objetivos Específicos.....	3
Metodologia	4
Etapa 1 - Elaboração individual do memorial de formação: tarefa individual	4
Etapa 2 - Sistematização e análise em grupo dos dados e informações: tarefa em grupo .	4
Referencial teórico	6
Memória e Identidade	6
A educação do campo e a formação de professores em ciências da natureza	7
Exemplificando um memorial	11
Cronograma.....	13
Referências bibliográficas	14
Apêndices	15
Apêndice 01: Descrição detalhada do roteiro para a elaboração individual do memorial descritivo	15
Apêndice 02: Sistematização e análise das informações em grupo	18
Apêndice 03: Roteiro para elaboração do trabalho final	19

Introdução e justificativa

Ao iniciarmos este semestre de estudos, as componentes curriculares organizaram-se em uma proposta de reflexão sobre a trajetória das/dos estudantes que estão ingressando no Curso de Educação do Campo – Licenciatura. Para tanto, este projeto de estudos, que tem início no Tempo Universidade e é concluído ao término do Tempo Comunidade visa tecer aprendizagens sobre memória social, identidade e a chegada ao âmbito da formação de professores para a educação do campo.

As compreensões das teorias sociais sobre memória consideram a subjetividade implicada nos eventos que lembramos e narramos como significativos. Diferente do que comumente é lido como história oficial, organizada a partir de certa linearidade de datas e fatos, a construção do ato de narrar nossas memórias é estruturada a partir de vivências, das experiências positivas ou negativas e, evidentemente, de esquecimentos. Logo, muito mais que uma experiência individual, a memória é coletiva e, conforme assinalado por Pollak (1992), embora tenha marcos fixos, caracteriza-se pela possibilidade de transformação.

Em sendo uma percepção da realidade, a memória é mutável, não linear e expressa lógicas por meio das quais compreendemos e explicamos o mundo. Daí a relação mantida entre memória e identidade, que contribui para configurar diferentes visões de mundo e projetos de futuro. A partir disso, propomos um exercício de reflexão sobre a trajetória escolar de cada uma e cada um dos estudantes matriculados neste primeiro semestre, com vistas a tecermos significados sobre o ingresso em um curso superior de formação de professores para a educação do campo.

Cabe destacar que as discussões sobre a Educação do Campo acompanham um processo de democratização do ensino, cujas sistematizações e proposições iniciam a partir do I ENERA (Encontro Nacional dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária). Este evento foi realizado no ano de 1997, em Luziânia/GO e é identificado como marco inicial da consolidação da área de “Educação do Campo”, com a Articulação Nacional, a

qual se comprometeu em atuar nas políticas públicas para a área no Brasil. Essa proposta, segundo Caldart (2008) surge da necessidade de valorização do campesinato, a partir de suas organizações em contraponto à educação rural. Uma vez que se considera que a Educação do Campo seja desenvolvida para atender as demandas daqueles que vivem no e do campo, no qual há valorização e ressignificação de culturas, saberes, gestos e símbolos (KOLLING; NERY e MOLINA, 1999). Deste movimento, emergem documentos importantes, dentre os quais as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica no Campo (2002), centrada na concepção de que:

A Educação do Campo, tratada como educação rural na legislação brasileira, tem um significado que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas os ultrapassa ao acolher em si os espaços pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas. O campo neste sentido, mais do que um perímetro não urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições de existência social e com as realizações da sociedade humana. Portanto, investir na qualidade da educação nacional significa dar continuidade às políticas educacionais que promovem a capacitação dos professores e inovem a gestão escolar e as práticas pedagógicas nos diferentes espaços educativos (BRASIL, 2002, p.08).

Pensar sobre práticas escolares e não escolares que estejam vinculadas às condições de existência social dos povos e comunidades do campo é posta como uma necessidade que não pode ser suprida com uma formação genérica, desvinculada da realidade camponesa. Como consequência, ao ingressar em um curso de Licenciatura em Educação do Campo é importante refletir sobre sua própria trajetória escolar, história de vida, sentidos da formação superior específica a qual estás propondo-se a percorrer e as perspectivas de futuro na educação do campo.

Com base nisto, este projeto foi estruturado de modo a atingir o objetivo de compreender a memória social que é constitutiva dos processos de identidade que se entrelaçam à formação docente.

Objetivos

Objetivo geral

Compreender a memória social como constitutiva de processos identitários que se entrelaçam à formação docente.

Objetivos Específicos

Produzir memorial descritivo da trajetória escolar.

Perceber a escrita sobre si e, a partir disso, a redação da história de vida, como elementos de leitura do mundo.

Refletir sobre o ingresso na educação superior e as perspectivas de futuro no campo da docência em ciências da natureza na educação do campo.

Metodologia

Tendo em vista que as atividades necessárias para a realização do Projeto Interdisciplinar envolvem tarefas coletivas, os estudantes deverão se organizar em grupos de até 4 integrantes, levando prioritariamente em consideração a proximidade de moradia ou trabalho e as afinidades pessoais.

Além do memorial de formação, o desenvolvimento do Projeto Interdisciplinar deverá levar em consideração os conhecimentos em desenvolvimento nos componentes que integram o currículo do primeiro semestre.

O presente projeto se desenvolverá em duas etapas, as quais são explicitadas abaixo:

Etapa 1 - Elaboração individual do memorial de formação: tarefa individual

Cada estudante individualmente desenvolverá um memorial descritivo da trajetória escolar, tendo como base o seguinte roteiro **(descrição detalhada no apêndice 01)**. Esta etapa será iniciada e concluída no Tempo Universidade, possibilitando que no Tempo Comunidade se inicie a Etapa 2.

- A) Apresentação do memorial: - Nome do estudante; - No entendimento do estudante qual a importância de escrever um memorial e quais são os objetivos; - Qual foi a metodologia utilizada para a elaboração do memorial;
- B) Desenvolvimento do memorial: - Onde tudo começou: descrição e reflexão do local e dos fatos vividos antes do período escolar; - Período escolar: descrição e reflexão dos períodos escolares; descrição relacional dos momentos e fatos históricos; - Após período escolar: quais eram os planos, o que fez, quais foram as dificuldades; - Na atualidade: o que esta fazendo, o porquê esta fazendo, quais são os planos futuros.

Etapa 2 - Sistematização e análise em grupo dos dados e informações: tarefa em grupo

No segundo momento serão desenvolvidas atividades coletivas, realizadas especificamente no Tempo Comunidade. A atividade proposta consiste na elaboração de um memorial descritivo coletivo da trajetória escolar.

Cada grupo deverá sistematizar e analisar os memoriais individuais de cada estudante **(Descrição no apêndice 02)**

Referencial teórico

Memória e Identidade

Ao conjugarmos memória social e identidade, estamos considerando tanto experiências próprias da pessoa, comumente chamadas de individuais¹, como experiências coletivas. Neste aspecto, Polllak (1992), pontua a necessidade de pensarmos sobre o lugar do pertencimento na produção de identidades. Ao lançar questionamento sobre quais seriam os elementos constitutivos da memória individual e coletiva, o autor pontua:

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLAK, 1992, p. 201)

Inserem-se nesta memória de aspectos não vividos pessoalmente, a constituição das identidades étnicas. O estado do Rio Grande do Sul abriga uma série de comunidades de imigração. Em algumas destas, por exemplo, encontraremos pessoas que se autodenominam italianas ou alemãs, sem jamais terem conhecido a Itália ou a Alemanha. Seu pertencimento é pautado na memória narrada por outros, nas narrativas significadas a partir de valores particulares àquele contexto social.

Ao falarmos sobre comunidades e povos do campo, veremos que muitos processos identitários estão ligados à territorialidade. Populações indígenas, quilombolas, caiçaras e extrativistas, por exemplo, mantêm profunda relação com o território em que vivem, remetendo-se com frequência a outros espaços que habitaram no passado. Assim, compreender os processos constitutivos de memória e identidade torna-se tarefa fundamental das educadoras e educadores do campo. Do mesmo modo, inserir-se nestas

¹ Destacamos aqui que nem todas as sociedades reconhecem a noção de indivíduo, presente nas sociedades herdeiras de uma tradição de pensamento eurocêntrica (DUMONT, 1992).

reflexões, é um desafio importante que propomos aos ingressantes desta licenciatura.

A educação do campo e a formação de professores em ciências da natureza

Os cursos superiores de formação de professores para a Educação do campo passam a ser possíveis a partir de 2006, através Programa de Apoio a Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PROCAMPO)² em vigência, no Ministério da Educação, sob responsabilidade da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), Secretaria de Educação Superior (SESU) e Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), com vistas a responder à demanda de reivindicações e articulações engendradas pelos movimentos sociais e sindicais do campo, que defendem como bandeira de luta uma educação que valorize e reconheça os sujeitos do campo.

Desta forma, como preconizado nos Parâmetros Curriculares Nacionais e pelas especificidades apontadas no parecer CNE 36/2001 e no Caderno SECAD n.º 2 (2007), as longas distâncias e a baixa densidade demográfica exigem a formação de professores (as) por área de conhecimento e que estejam atentos às práticas pedagógicas que considerem os diversos ciclos da vida e seus processos de aprendizagem, que se vincule ao trabalho como princípio educativo e que sejam capazes de problematizar, a partir do contexto em que a escola está inserida sem se restringir a ele.

A habilitação de docentes por área de conhecimento tem como um dos seus objetivos ampliar as possibilidades de oferta da Educação Básica no território rural, especialmente no que diz respeito ao ensino médio, mas a intencionalidade maior é a de contribuir com a construção de processos capazes de desencadear mudanças na lógica de utilização e de produção de

² O Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PROCAMPO) visa apoiar a implementação de cursos regulares de Licenciatura em Educação do Campo nas Instituições Públicas de Ensino Superior de todo o país, voltados especificamente para a formação de educadores (as) para a docência, na segunda fase do ensino fundamental (quatro anos finais) e ensino médio, nas escolas do campo (BRASIL, 2002).

conhecimento no campo. Ao construir como perfil de habilitação da Licenciatura em Educação do Campo simultaneamente as três dimensões – a docência por área de conhecimento, a gestão de processos educativos escolares e a gestão de processos educativos comunitários –, idealizou-se esta perspectiva: promover e cultivar um determinado processo formativo que oportunizasse aos futuros educadores, ao mesmo tempo, uma formação teórica sólida, que proporcionasse o domínio dos conteúdos da área de habilitação para o qual se titula o docente em questão, porém, muito articulada ao domínio dos conhecimentos sobre as lógicas do funcionamento e da função social da escola e das relações que esta estabelece com a comunidade do seu entorno (MOLINA, 2014, p. 14).

Ao mesmo tempo, as “Diretrizes Operacionais para a educação básica nas escolas do campo” (Resolução CNE/MEC, de 3 de abril de 2002) propõem que o licenciado em Educação do Campo deverá ser capaz de perceber, reforçar e construir a identidade da escola do campo, percebendo a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia; e, ainda, incentivar e realizar estudos direcionados para o mundo do trabalho, bem como para o desenvolvimento social, economicamente justo e ecologicamente sustentável, em um paradigma que tenha como referências a justiça social, a solidariedade e o diálogo entre todos. Tal entendimento da realidade só é possível com uma formação multidisciplinar e interdisciplinar que rompa com a lógica da fragmentação dos estudos acadêmicos. Desta forma, entendemos que para atingir as metas propostas para a Educação do Campo o egresso estará apto³ para atuar nos componentes de Ciências nos anos finais do Ensino Fundamental e nos componentes de Química, Física e Biologia ou na respectiva área de conhecimento⁴ do Ensino Médio, na Modalidade Educação de Jovens e

³ Conforme Resolução 2/2008: “A admissão e a formação inicial e continuada dos professores e do pessoal de magistério de apoio ao trabalho docente deverão considerar sempre a formação pedagógica apropriada à Educação do Campo e às oportunidades de atualização e aperfeiçoamento com os profissionais comprometidos com suas especificidades” (art. 7, § 2º).

⁴ Os Parâmetros Curriculares Nacionais para Ensino Médio preveem que “A estruturação por área de conhecimento justifica-se por assegurar uma educação de base científica e tecnológica, na qual conceito, aplicação e solução de problemas concretos são combinados com uma revisão dos componentes socioculturais orientados por uma visão epistemológica que concilie humanismo e tecnologia ou humanismo numa sociedade tecnológica”. (BRASIL, 2000, p.18). Os PCNs “apontam, ainda, três áreas de conhecimento, sejam elas: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias e Ciências

Adultos⁵ e na combinação com a Educação Profissional.

A escolha da área das Ciências da Natureza se dá principalmente pelo déficit de professores na educação Básica brasileira, que é corroborado pelo relatório produzido por uma comissão do Ministério da Educação - MEC (RUIZ, RAMOS e HINGUEL, 2007), e que uma das sinalizações é priorizar as Licenciaturas no âmbito das Ciências da Natureza e Matemática:

“As políticas públicas voltadas para a formação de professores devem abranger todos os conteúdos curriculares; contudo a insuficiência de professores habilitados e qualificados para Física, Química, Matemática e Biologia (Ciências), conforme dados disponibilizados pelo INEP, coloca essas licenciaturas plenas em grau de precedência” (RUIZ, RAMOS e HINGUEL, 2007, p.23).

Além de no documento há dados quantitativos, para justificar tais necessidades como se pode observar,

Precisa-se, por exemplo, de 55 mil professores de Física; mas, entre 1990 e 2001, só saíram dos bancos universitários 7.216 professores nas licenciaturas de Física, e algo similar também se observou na disciplina de Química. Ainda a título de exemplo, em 2001, formaram-se pela Universidade de São Paulo (USP), a maior das universidades brasileiras, 172 professores para lecionar nas quatro disciplinas: 52 em Física, 42 em Biologia, 68 em Matemática e apenas 10 em Química (RUIZ, RAMOS, HINGEL, 2007, p. 11).

A partir deste acúmulo e na tentativa de atender as demandas apontadas, a maior parte das proposições de formação docente, em nível superior, priorizaram a área das Ciências da Natureza. Tais características, expressas nas políticas públicas atuais e nos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Licenciatura em Educação do Campo, convidam a trabalharmos com demandas específicas, já postas pelas escolas do campo e por educadoras e educadores que percebem a necessidade de vivenciarem práticas educacionais condizentes com a realidade social na qual estão inseridos.

Humanas e suas Tecnologias. Além disso, na área das Ciências da Natureza “incluem-se as competências relacionadas à apropriação de conhecimentos da Física, da Química, da Biologia e suas interações ou desdobramentos [...]” (BRASIL, 2000, p. 92). Complementando o PCN, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica apontam que “as áreas de conhecimento favorecem a comunicação entre os conhecimentos e saberes dos diferentes componentes curriculares, mas permitem que os referenciais próprios de cada componente curricular sejam preservados”. (BRASIL, 2013, p. 186)

⁵ De acordo com a Resolução 2/2008, “A Educação do Campo deverá atender, mediante procedimentos adequados, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, as populações rurais que não tiveram acesso ou não concluíram seus estudos, no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio”. (art. 1º, § 4º).

Neste contexto, é de fundamental importância pensarmos o mundo do trabalho do campo articulado às discussões do âmbito das ciências e das tecnologias. Considera-se sobretudo uma educação voltada para a valorização da diversidade de saberes e modos de vida que se proliferam nos mais distintos espaços de manejo ecológico, onde ciência e vida não são percebidas como coisas separadas.

Diante disso, a experiência de escrever sobre si mesmo, que propomos neste projeto de estudos, visa refletir sobre seu lugar no mundo, sua trajetória escolar e os sentidos que a formação docente em ciências da natureza, na educação do campo, vem adquirindo para cada estudante. Escrever um memorial, nem sempre é fácil, mas pode ser uma oportunidade para se autoavaliar e conjecturar os caminhos trilhados na vida pessoal e acadêmica. Para tanto, deve-se levar em consideração alguns aspectos que estão imbricados durante nosso viver. Considerar a trajetória de vida e alguns questionamentos como: quem sou? O que quero? Por que das minhas escolhas? Porque do curso Educação do Campo? O que vislumbro para o futuro?

Escrever sobre si mesmo é refletir, é como pintar um autorretrato cujo desenho, imagem ou figura ali pintada venha ser a representação da sua vida, das suas memórias. Todo memorial permite uma seleção de escolhas que podem ser descritas enfatizando aspectos biográficos, ou seja, é apresentar ao outro a imagem que desejamos que conheçam – conscientemente ou inconscientemente.

Escrever também se corre o risco de lembrar alguns momentos não desejados, cair numa ilusão ou desilusão, retratar um ideal de si. Quando refletimos sobre nós mesmos trazemos nossos sentimentos, nossos desejos, nossas atitudes em determinados contextos e uma série de outros elementos que denotam processos identitários. No mundo acadêmico, universitário, o memorial é um instrumento fundamental para avaliação dos nossos vínculos às áreas do saber e ao nosso engajamento político e social no âmbito da educação.

Exemplificando um memorial

Ao escrever seu memorial da trajetória acadêmica, Mauricio Tragtenberg inicia com a citação de Shakespeare, Henrique III, *“O que eu sou é o que me faz viver”*. É nesta perspectiva que você pode iniciar a escrita de sua trajetória escolar e as perspectivas de futuro no seu fazer acadêmico. Escrever sobre a vida acadêmica e futuro perpassa por um processo formativo desenvolvido ao longo da nossa trajetória, significa estabelecer relação de sua formação com a realidade social e econômica. Esse vínculo adquire no âmbito da educação um caráter formativo escolar um caráter social, pedagógico que precisa ser explicitado no próprio processo das práticas educativas desenvolvidas durante o viver acadêmico.

Para elaborar esta trajetória buscou-se no Memorial de Maurício Tragtenberg alguns trechos que poderão ajudar na escrita do relatório. O memorial inicia:

O fato de estar, no presente momento, prestando concurso para professor-titular da Faculdade de Educação da Unicamp, ante uma banca examinadora composta por professores-titulares e titulados, é um desafio. Na medida em que o candidato a professor-titular não teve uma formação escolar "convencional", concluiu seus estudos em nível de 1º grau no terceiro ano primário, retomou os estudos escolares através do ingresso na FFCHL da USP mediante apresentação de uma monografia à congregação da mesma (TRAGTENBERG, 2017).

Esta citação leva-nos a perceber que o professor Tragtenberg não teve uma formação “convencional”, mas o que significa esta formação? O que você pode extrair deste trecho que poderá levar à sua trajetória acadêmica? Assim, você pode comentar sobre a passagem de sua vida baseada em fatos que lembrem fatos históricos da época. Tentar sempre que possível relacionar sua trajetória com seu projeto de futuro enquanto educador do campo.

Entende-se que a educação popular se constitui numa realidade que se transforma a partir de prática educativa coletiva das classes populares. A educação popular é um campo de luta social, em que abarcamos em um movimento permanente e deste modo o “eu professor” é inseparável do “eu

educador do campo.

Ainda podemos trazer para esta trajetória outros questionamentos que podem levar a refletir: Qual tem sido a função social da escola? E qual tem sido a orientação pedagógica que a escola do campo se encontra inserida ao longo de sua existência? Molina e Sá (2012) destacam que:

A educação do Campo, nos processos educativos escolares, busca cultivar um conjunto de princípios que devem orientar as práticas educativas que promovem com a perspectiva de oportunizar a ligação da formação escolar à formação para uma postura na vida, na comunidade o desenvolvimento do território rural, compreendido este como espaço de vida dos sujeitos camponeses (MOLINA, SÁ, 2012, p. 329).

Deste modo, valorizar as características pessoais voltadas para Educação do Campo é essencial para a produção do conhecimento e refletida como saber pedagógico. Muitas vezes o professor deixa de lado as experiências ricas trazidas pelos educandos, esquecendo-se de aproveitar os recursos do local de convívio do aluno.

Cronograma

Período	Atividade a ser entregue e orientada pelos docentes de cada regionalização
Tempo Universidade	Escrita do memorial da trajetória escolar – componente de Prática Pedagógica I
Primeiro encontro do Tempo Comunidade	Apresentação da versão final do memorial da trajetória escolar, acrescida de contextualização histórica e com as discussões feitas nos componentes curriculares ao longo do TU.
Segundo encontro do Tempo Comunidade	Apresentação da escrita coletiva sobre as trajetórias escolares de cada integrante do grupo
Terceiro encontro do Tempo Comunidade	Apresentação da análise sobre o exercício de escrever sobre si enquanto elemento formativo e de leitura de mundo
Quarto encontro do Tempo Comunidade	Apresentação da reflexão sobre o ingresso ao ensino superior e as perspectivas de futuro no campo da docência em ciências da natureza na educação do campo
Quinto encontro do Tempo Comunidade	Entrega do relatório final no formato digital para avaliação dos docentes.
Sexto encontro do Tempo Comunidade	Planejamento da apresentação do relatório no seminário final de TC.

Referências bibliográficas

CALDART, Roseli Salete. Concepção de Educação do Campo. Síntese produzida para exposição sobre a Licenciatura em Educação do Campo (texto-fala). POA: ENDIPE, 29 de Abril de 2008.

DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus**: os sistemas das castas e suas implicações. São Paulo: EdUSP, 1992.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Escola do Campo. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). Dicionário da Educação do Campo. 1ed. São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro., Vol. A5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RUIZ, A. I.; RAMOS M. N.; HINGUEL, M. Escassez de professores no Ensino Médio: Propostas estruturais e emergenciais. 2007. Disponível em http://www.senado.gov.br/web/comissoes/CE/AP/PDE/AP_03_CNE.pdf. Acesso em 13/11/2012.

SOUZA, Maria Antônia de. Educação do campo: Políticas, Práticas Pedagógicas e Produção Científica. Educação & Sociedade. 2008.

TRAGTENBERG, Mauricio. **Memorial- Fragmento**. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:4jwYO2P9dc0J:www.sni.org.br/educadores/site_restrito_edutores/arquivos-novos/Treinamento-para-Orientadores-e-Coord.CEEV/memorial-de-mauricio-tragtenberg-fragmentos.doc+&cd=6&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: abr. 2017.

Apêndices

Apêndice 01: Descrição detalhada do roteiro para a elaboração individual do memorial descritivo

Número máximo de páginas para cada memorial: 06.

Foco do memorial: formação educacional

A descrição do memorial deverá buscar relatar a vida refletida, cruzando os fatos com as leituras e conhecimentos adquiridos em aula durante o tempo universidade. Ou seja, referenciar fatos de suas vidas com referências utilizadas em aula.

O memorial é mais do que um relato histórico ou uma narrativa histórica. Ele é Reflexivo.

Por este motivo, a elaboração do memorial poderá se basear além dos registros de memória, outros meios de registros e de reflexão, como:

- registro e arquivos históricos, como jornais, revistas, livros, cadernos, fotografias, etc.;
- entrevistas abertas a informantes chaves, como familiares, pessoas com mais idade, professores da época narrada;
- leituras e referências acadêmicas;
- textos usados em aula.

Etapas que deverão ser seguidas na elaboração do memorial de formação:

a) Apresentação do memorial descritivo:

- Nome do estudante;
- No entendimento do estudante, do que trata o memorial e quais são os objetivos;
- Qual foi a metodologia utilizada para a elaboração do memorial;

b) Desenvolvimento do memorial descritivo

- **Onde tudo começou:** descrição e reflexão do local e dos fatos vivido antes do período escolar;

- Onde nasceu;
- Onde morava;
- Descrição do modo de vida;
- Qual era a sua relação com o campo;
- Quais impressões você tinha sobre a escola;
- O que sabia sobre a escola;

- **Período escolar:** descrição e reflexão dos períodos escolares; descrição relacional com os momentos e fatos históricos:
 - Com que idade foi para a escola;
 - Lembranças do 1º dia de aula;
 - Professores – lembranças marcantes (agradáveis e desagradáveis);
 - Colegas (amigos) – lembranças marcantes (agradáveis e desagradáveis);
 - Escola (satisfações e decepções);
 - Como aprendi a resolver problemas de matemática;
 - Como foi meu processo de aprendizagem em física, química e ciências biológicas;
 - Como se deu a relação com as tecnologias (TICs e outras);
 - Relações da família com a escola;
 - Quais as condições educacionais da comunidade onde estudava.

- **Após o período escolar:**
 - qual era a situação social e econômica da família;
 - quais foram as escolhas profissionais;
 - quais foram as principais dificuldades;

- **Na atualidade:**
 - Idade;
 - Estado civil;
 - Irmãos/nível de escolarização;
 - Filhos/nível de escolarização-idade;
 - Qual é a sua relação com o campo;
 - Quais são as condições educacionais da comunidade onde reside atualmente;

- Que relação mantem com o conhecimento de tecnologias, física, química, ciências biológicas e matemática?
- Por que cursar o ensino superior?
- Por que a escolha do curso de educação do campo?
- Descreva o que você considera um bom profissional da educação;
- Descreva o que você considera um bom professor;

Orientações

- O memorial de formação deverá ser digitadas em fonte Arial, tamanho 12, entre linhas 1 ½, margem superior e esquerda 3 cm e inferior e direita 2 cm.
- Não ultrapassar 06 páginas.

Apêndice 02: Sistematização e análise das informações em grupo

Número máximo de páginas: 10.

Buscando facilitar a sistematização e análise das informações, foi elaborado algumas questões norteadoras. Essas deverão ser respondidas com base na relação reflexiva a partir dos memoriais descritivos de cada estudante do grupo e as contribuições de cada componente para o entendimento dos processos educacionais.

- **Questão 01:** Quais são os elementos presentes nos perfis e nos memoriais de formação que aproximam e que distanciam os integrantes do grupo?
- **Questão 02:** Baseado em sua trajetória de vida e em sua vivência escolar descreva de que modo as ciências da natureza permeou o seu cotidiano?
- **Questão 03:** O que cada componente contribuiu para aprofundar a temática do eixo ao longo do semestre?

Apêndice 03: Roteiro para elaboração do trabalho final

- **Capa e folha de rosto:** vide modelo do Projeto Interdisciplinar. Incluir os nomes dos integrantes do grupo

- **Introdução: até 2 páginas**

- do que trata o relatório;
- quais são os objetivos;
- justificar a relevância pessoal, social e acadêmica;

- **Metodologia: até 2 páginas**

- como o relatório foi feito;
- quais foram as fases de execução;
- quais foram os instrumentos de coleta de dados utilizados;
- quais foram as informações utilizadas;
- como foi a organização do grupo.

- **Memorial de formação individual:** até 6 páginas para cada integrante do grupo

- estrutura para elaboração: seguir orientações descritas no apêndice 01.

- **Sistematização e análise dos dados:** até 10 páginas

- estrutura para elaboração: seguir orientações descritas no apêndice 02.

- **Considerações finais:** até 1,5 páginas

- retomada do objetivo – os objetivos do Projeto Interdisciplinar foram alcançados;
- quais foram os principais desafios e dificuldades;
- quais foram os principais ensinamentos individuais e grupal;
- descrever outros resultados e discussões promovidas.

- **Referências bibliográficas**

- inserir todas as referências bibliográficas utilizadas na elaboração no relatório.